

Sete coincidências nos protestos violentos em Nicarágua e Venezuela

Misión Verdad

Existem diversas coincidências entre a escalada de violência que teve lugar nos últimos dias na Nicarágua e as *guarimbas* organizadas pelo anti-chavismo seja em 2014 seja em 2017. Não é apenas quem financia estas operações mas também a forma como actuam no terreno, nos meios de comunicação social e nas redes sociais. As sete coincidências enunciadas a seguir confirmam-no.

1. Armas não convencionais. A utilização de armas artesanais para fazer frente às forças de segurança procura criar uma linha de demarcação entre protesto pacífico, as táticas de subversão e a guerra urbana, de modo que a responsabilidade pelas mortes sejam atribuídas ao governo, no quadro de um esquema acusatório de “violação dos direitos humanos”. Botijas explosivas, morteiros, foguetões, entre outros, são utilizadas por grupos de choque formados na Venezuela por mercenários e atingiram Adrián Duque, Armando Cañizalez, César Pereira, Diego Arellano, Miguel Castillo, Roberto Durán e Yeison Mora, mortos por esferas de metal ou por botijas vindas do lado dos manifestantes. Também Andrés Uzcátegui, Nelson Arévalo Avendaño, Neomar Lander e Engelberth Duque Chacón morreram ao manejar explosivos artesanais.

Durante os violentos protestos na Nicarágua os grupos armados que assumiam a vanguarda utilizavam dispositivos semelhantes.

Para evitar confusões que resultem da semelhança das imagens, a primeira foto corresponde a Venezuela e a segunda a Nicarágua.





2. Campanha de boatos. Informações não confirmadas são geradas por operacionais de guerra psicológica que utilizam as redes sociais para criar ansiedade e pânico entre a população. Depois dos protestos do ano passado na Venezuela, alguns líderes da oposição conduziram uma campanha de boatos no sentido de associar o governo venezuelano ao alegado uso de armas químicas, com o objectivo de atrair a atenção dos media internacionais e de gerar terror na opinião pública.

Na altura, do outro lado do Atlântico e na margem mais afastada do Mediterrâneo, o governo sírio era acusado de ter efectuado um ataque químico, e o que foi objecto de confirmações sucessivas foi que o alegado ataque era uma montagem destinada a justificar uma campanha de bombardeamentos por parte dos EUA contra aquele país árabe.

Procurando agir com o mesmo sentido de oportunidade na Nicarágua, o uso dos boatos foi feito no sentido de associar o governo ao uso de armas químicas, uma falsidade que, ainda que desmentida, deu alento à violência através das redes sociais.

3. Manipulação dos números relativos aos mortos. As pessoas mortas no decurso dos acontecimentos violentos são referidos sem qualquer explicação ou especificação e assim, tal como na Venezuela, os media acusam o governo ou os “grupos armados”. Com esta tática da utilização dos media é construído um dossier que poderá justificar, conforme as circunstâncias, uma intervenção externa ou um golpe de Estado. Meios de comunicação como a ABC lançaram **um número de mortos** que **nem os media locais podem confirmar.** Tal como vimos na “coincidência” anterior, estas estimativas foram postas em prática por operacionais com larga experiência na guerra da informação contra a Venezuela.

Na Nicarágua, os media internacionais deram voz a “relatórios” fantasma que falam de mais de 20 vítimas, mas foram incapazes de confirmar minimamente esta notícia.

Aplicando a mesma manobra desinformativa, procurou ocultar-se o facto de que na Venezuela em 2017, por exemplo, morreram 25 pessoas que passavam na proximidade de uma manifestação mas que não participavam nela directamente. Casos como os de Almelina Carrilo (Caracas) ou de Paola Ramírez (Táchira), homicídios cometidos pelos manifestantes da oposição, foram utilizados pelo meios de comunicação para indiciar uma escalada da violência,

apontando o governo como responsável, sem que existisse ao menos uma averiguação judicial sobre os acontecimentos.

4. Saque e vandalização de propriedades públicas e privadas. Na Nicarágua, grupos armados saquearam diversas lojas de electrodomésticos e de motociclos em alguns locais do país e danificaram instalações estatais, como hospitais e instituições educativas. O perfil da violência foi profissional e concentrou-se não apenas sobre as infra-estruturas de serviços-chave para a vida quotidiana da população mas também sobre símbolos e instituições do poder estatal



@MukasWeb | Vladimir@mukasweb

A esto los conspiradores de la embajada gringa en #Nicaragua @USEmbNicaragua llaman "protestas pacificas", vean:

[https://twitter.com/USEmbNicaragua/status/987436923919720448 ...](https://twitter.com/USEmbNicaragua/status/987436923919720448)

Acontecimentos semelhantes verificaram-se nas comunas de Chacao, no Estado de Miranda, Venezuela, quando grupos de assalto financiados pelo anti-chavismo incendiaram e atacaram edifícios públicos como a Direcção Executiva da magistratura do Supremo Tribunal de Justiça. Este é apenas um pequeno exemplo entre os de incêndios de estações de transportes públicos, bibliotecas e hospitais em 2017.



5. Uso de armas de precisão. Mortes verificadas na Venezuela resultaram do uso de armas

de precisão, o sargento Niumar Sanclemente (Miranda) e o agente da policia de Carabobo Jorge Escandón foram mortos por tiros de precisão. Também Jesús Leonardo Sulbarán e Luis Alberto Márquez, trabalhadores do governo de Mérida, foram atingidos por tiros disparados de diversos edifícios naquele Estado.

O jornalista Angel Gahona de um canal televisivo do Estado foi assassinado na noite de sábado **enquanto transmitia os acontecimentos** através de Facebook Live no edifício do município de Bluefields, Nicarágua. Caminhava atrás das forças policiais e um tiro atingiu-o na cabeça, diante de dezenas de pessoas. Desde Abril de 2011, passando pelo Euromaidan e chegando à Nicarágua, os “snipers” têm sido um recurso habitual nas operações de golpe de Estado conduzidas pelos EUA.

6. Uso de gente destacada do mundo do espectáculo. Instrumentalizar a sensibilidade das pessoas ligadas à indústria do entretenimento é um recurso publicitário de sucesso para o apoio, em extractos sempre mais alargados da opinião pública, às jornadas de violência. Este catalisador é também útil para este tipo de operações: no caso da Venezuela foram sobretudo personagens do mundo do espectáculo que manifestaram a sua posição contra o chavismo.



Gracias Dios TV@GraciasDiosTV

Los artistas están preocupados por que lo que pasa en Venezuela.

#18FL LeopoldoTeAcompañoTrancandoMiCalle

20:57 - 18 feb 2014

Na Nicarágua foram também inseridos neste recurso referências musicais internacionais, a Miss Nicarágua 2018 Adriana Paniagua e outros personagens da indústria local do espectáculo.



 **Residente** 
@Residente 

Nicaragua, desde lejos me duele como si estuviera de cerca. Desde la primera vez que fui a su país me enamoré de la fuerza de su historia repleta de los sueños de Sandino. No permitan que ese sueño se despierte en pesadilla. 🇳🇮 ❤️ Somos la levadura que levanta la masa 🙌🔥

22:51 - 19 abr. 2018

5.862 Retweets 10.953 Me gusta 

 279  5,9K  11K 

 **Adriana Paniagua**
@AdriPaniagua24 

Yo QUIERO JUSTICIA Y DEMOCRACIA!
#sosnicaragua ESTOY CON LOS JÓVENES UNIVERSITARIOS. El pueblo unido jamás será vencido



7. Símbolos e glorificação da morte. As listas de mortos escritas com giz no pavimento das ruas são semelhantes às escritas na Venezuela durante as *guarimbas* de 2017, ambas com o objectivo de ocultar as razões de cada caso e de transferir para o governo as cicatrizes da violência humana. Ainda que **entre os mortos**, seja na Venezuela ou na Nicarágua, se encontrem membros das forças de segurança, estudantes, trabalhadores e activistas políticos, é importante que os media utilizem listas falsas e lhes confirmem uma estética de “luta não

violenta” que, sendo reconhecida a nível internacional, esvazia estas mortes de qualquer significado local, transformando-as em produtos de consumo.



Outras coincidências fazem parte deste mecanismo activado na Nicarágua: o apoio do **clero católico** aos “manifestantes”, a “preocupação” do governo estado-unidense, a integração de **criminosos** nos protestos e a sustentada justificação e patrocínio das ONG, dos media e das elites económicas promovidas por Washington através dos seus mecanismos de “soft power”. E para concluir, a coincidência política de fundo: nenhuma das duas nações atacadas é alinhada geopoliticamente com os EUA, o grande promotor global destes métodos de golpe de

Estado.

Fonte: <http://www.marx21.it/index.php/internazionale/america-latina-e-caraibi/28990-sette-coincidenze-nelle-proteste-violente-in-nicaragua-e-venezuela>